

**O Artista pelo Artista na Voz do Próprio**

**Francisco Cardoso Lima**

DeCA | UA | FCT | PT

*entrevistas disponível para download (formato PDF) em  
[http://franciscocardosolima.com/download/o\\_artista\\_pelo\\_artista-andre\\_cepeda.pdf](http://franciscocardosolima.com/download/o_artista_pelo_artista-andre_cepeda.pdf)*

*documento publicado com o consentimento expresso do respectivo artista,  
depois de revisto e validado pelo próprio*

**Entrevista a André Cepeda realizada no Porto em 22 de Outubro de 2010 por Francisco Cardoso Lima (no âmbito do Doutoramento em Estudos de Arte da Universidade de Aveiro - com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia).**

Francisco Cardoso Lima: Para preparar esta conversa não senti necessidade de sair do teu site. Não sei se acabei por deixar alguma informação de parte por não ter procurado fora do teu site mas ele pareceu-me muito claro e completo. Tem muita informação sobre o teu trabalho, bem organizada e apresentada de forma simples.

---

Se é possível intitular-te como artista, é também possível especificar-te como fotógrafo. Noutros casos, há artistas que trabalham as artes visuais recorrendo a diversos meios. No teu caso, o recurso primeiro, eventualmente único, é a fotografia. Aliás, parece-me existir atrás desse fotógrafo, um técnico de fotografia, como a tua formação revela. O processo e o laboratório parecem entrar francamente no teu trabalho.

Percebi também que trabalhas muito a paisagem, a realidade, o quotidiano. E no centro destas temáticas parece estar sempre a pessoa. Embora por vezes isso possa não ser evidente, parece haver uma forte ligação ao indivíduo, ao sujeito.

Mas gostava de iniciar esta conversa percebendo se existe alguma relação familiar com as artes. Percebi que há uma relação com os “Encontros de Fotografia” de Coimbra... Há outras influências?

André Cepeda: O meu pai era pintor. Faleceu quando eu tinha 3 anos. Mas há ali uma espécie de influência, ele não estava presente mas existe sempre, através dos quadros dele, através da biografia sua vida. Foi sempre um ponto de inspiração para mim. Na época em que ele trabalhava, nos anos 70, era muito difícil, a família não apoiava, ele acabou por não conseguir ter forças para continuar.

Sempre estivemos muito ligados à música e a minha mãe fazia fotografia. Foi ela a principal influência para eu hoje estar ligado à fotografia.

FCL: Há uma história de artes, então, na tua família, não é?

AC: Só a minha mãe e o meu pai.

FCL: O que já é bastante...

AC: A minha mãe foi secretária do Albano da Silva Pereira, nos Encontros de Fotografia de Coimbra, durante muitos anos. Foi aí que eu conheci quase todo o meio da fotografia, foi quando eu comecei a fotografar, com 12, 13 anos. Comecei depois a tirar cursos...

FCL: A tua formação é autodidacta. Primeiro nos próprios Encontros de Fotografia de Coimbra, depois...

AC: É uma formação autodidacta. Ou seja, à medida que vou necessitando de mais informações vou procurando diferentes formações. Há uma altura em que sinto que tenho necessidade de uma parte mais teórica, então inscrevo-me num curso de história da arte ou de história

da fotografia, mas que acaba por não fazer parte da minha biografia. Vou ter com um fotógrafo ou com alguém das artes para me ajudar nisto ou naquilo.

Tenho também vários cursos técnicos, porque a fotografia é, acima de tudo, um processo técnico. A fotografia tem um processo que é claro. Quando eu comecei a fotografar tinha que revelar os meus filmes, tinha que os ampliar, tinha que os arquivar. E tenho, por exemplo, um curso de arquivo. São pequenos cursos importantes para perceber todo o processo e para perceber onde estou metido.

FCL: Percebo perfeitamente e até acho muito lógico. No fundo funcionam como semestres universitários de um curso que tu foste construindo.

AC: Fui construindo à medida que fui necessitando.

FCL: Pela minha experiência, quando vamos para uma universidade e estamos lá X anos, criamos uma relação muito estreita com os colegas, relação essa que me interessava focar. Pelo facto de teres feito esta formação escolhida por ti, houve assim um grupo de colegas, um grupo de pessoas a quem te ligaste. Ou nunca tiveste esse grupo? E sentiste a sua falta?

AC: Não, nunca tive esse grupo. Contudo tenho um grupo restrito de amigos, uns fotógrafos outros ligados à criação...

FCL: E já agora, quem são?

AC: O António Júlio Duarte, o Paulo Catrica. Também o Miguel von Hafe (com quem falo imenso) ou o Eduardo Matos ou ainda o Miguel Leal com que posso discutir coisas mais conceptuais. Há uma série de artistas que fazem parte, hoje em dia, do meu círculo de amigos, mais restrito, a quem eu mostro o trabalho e com quem o discuto, mas no processo da minha formação, o que era importante para mim era trabalhar. Era tentar descobrir o que é que eu queria fazer, o que era a fotografia para mim, como era o meu olhar, como iria desenvolver o meu olhar, como iria representar o mundo através da fotografia, quais seriam os meus projectos, as minhas ideias. Eu queria era trabalhar. Não valia a pena eu ir para uma escola, não era isso que eu queria. Eu queria era de facto trabalhar e foi através do meu trabalho que fui conhecendo essas pessoas.

FCL: Por volta dos 20 anos (a altura típica em que se frequenta a universidade), não sentiste necessidade de ter um núcleo de amigos, permanente ou que se fosse construindo e modificando, mas com quem criavas cumplicidades?

AC: Não. Já no liceu me chamavam turista. Desde cedo que tive uma postura perante a vida muito individual, muito própria e muito madura.

De facto não tive um seio familiar tradicional. Cresci na Holanda e vim para Portugal com 10 anos. Segui depois para Coimbra. A minha mãe tem um trabalho que não é normal, e que me permite conhecer o Jorge Molder, o João Tabarra, o Robert Frank, o Joel-Peter Witkin...

Uma criança com 14 anos que está, desta forma, no meio artístico, e que, com essa idade lê certas coisas, e que desde logo trabalhar... não é uma criança típica.

E eu senti um grande desfasamento relativamente aos meus colegas. Não quero dizer que não necessitasse deles, porque, ao mesmo tempo, eu também era uma criança e precisava de fazer as mesma coisa que todas as crianças fazem. Mas ao mesmo tempo tinha o meu mundo que se foi desenvolvendo através da influência dos artistas com quem convivi e das leituras que fiz. Sempre gostei muito de biografias, desde os 7 anos que leio biografias de artistas (escritores, pintores, etc...). Esse lado de quase sonho, a vida dos outros, ajudaram-me e acompanharam-me nesses momentos mais solitários. Aquilo que eu queria atingir não eram nem os meus colegas nem a escola que me iam dar. Era algo meu, muito próprio. Eu nunca senti necessidade de partilhar estas vivências nem nunca me senti verdadeiramente sozinho.

Sinto que há determinadas coisas que a escola pode dar e que eu posso não ter tido: a possibilidade de errar, a informação que vem ter contigo... mas que é também uma informação filtrada...

FCL: E a experiência dos colegas que se ajudam mutuamente na sua formação, que se formaram uns aos outros...

AC: Mas eu isso nunca quis. Nunca quis que ninguém me influenciasse. Sempre que eu ia fazer cursos nunca os seguia até ao fim. Desistia e isolava-me. Nesse sentido fui 'outsider'. E nem sequer queria que vissem ou que comentassem os meus trabalhos. Aquilo que eu fazia era meu e não precisava que os outros me dissessem se era bom ou mau. Não era isso que precisava. Precisava de desenvolver aquilo que estava cá dentro. Sempre foi assim desde muito cedo e ainda hoje sinto isso.

Agora, contudo, tenho uma vontade de partilhar um pouco diferente, também porque mais madura. Tenho momentos em que mostro e tenho momentos em que não mostro mesmo nada. Não partilho nada com ninguém.

Mostro nas exposições e as pessoas vêm o meu trabalho nas exposições.

FCL: Agora tens um núcleo de pessoas próximas ligadas às artes, artistas ou outros. Particularmente em relação aos artistas, parece-te que eles privilegiam a relação com outros artistas, parece-te que os artistas procuram outros artistas? Achas que os artistas têm, por exemplo, um sentimento de classe? Há qualquer coisa que os une ou que os faz procurarem-se? Eu senti essa necessidade e este estudo permite justamente satisfazer essa necessidade de encontro com os pares. Quero saber se tu e/ou os teus colegas também procuram os seus pares.

AC: Sim, parece-me que existe um pouco esse sentimento. Conheço alguns artistas, por exemplo o Paulo Mendes, que dão muito valor a esse encontro entre pares. Há também uma série de artistas que trabalham com espaços independentes e querem mostrar o trabalho dos colegas. Há ainda artistas que têm editoras e que querem editar o trabalho dos seus colegas. Tudo isto são formas possíveis de por em prática isso a que te estás a referir.

Relativamente ao sentimento de classe, ao apoio entre artistas... não sei muito bem. Acho que os artistas são muito desorganizados. Como tu disseste no início e muito bem, artista, fotógrafo... Sou muito fotógrafo. Discuto mais facilmente com fotógrafos do que com artistas. Porque a fotografia é um meio de expressão muito específico. Há muitos artistas que usam a foto-

grafia sem percebem a linguagem fotografia. Não percebem nada, nada mesmo. A linguagem da fotografia, a forma de sentir a fotografia e as próprias imagens são algo de muito específico. Eles até podem achar que... não entendem. Eu acho que é uma questão de sentir, não sentem a mesma coisa que nós sentimos... mas sentem outras coisas, não interessa.

Acabo por discutir mais essa questão da classe com colegas fotógrafos. E não, parece-me que não há um sentimento de classe. As pessoas, os artistas estão muito dispersos, cada um está no seu lugar.

FCL: E tu procuras outros artistas ou outros fotógrafos?

AC: Eu procuro-os. Dou muito valor à amizade. Adoro conhecer pessoas e partilhar. É a minha forma de ser. Eu aprendi com os outros. Para mim é muito importante.

FCL: Tenho-me deparado com algumas questões relativas à incorporação das artes na academia. Os cientistas apresentam o seu trabalho aos colegas e são os seus colegas que avaliam a relevância ou importância do trabalho apresentado para os próprios. Achas que há um desejo dos artistas serem reconhecidos pelos próprios artistas? Parece-te importante? Valorizas?

AC: É, acho que sim. Quando um colega me diz que o trabalho é muito bom, isso para mim é o auge. Aconteceu o ano passado: fiz um filme em 16mm e enviei-o a um amigo que estava em Berlim. Ele disse que era uma obra prima. Nunca mais me vou esquecer das suas palavras. Para mim, de facto, é uma obra prima, porque para ele também o é.

FCL: Ligado às artes?

AC: Sim, é um artista. O André Sousa. Ele disse: tens aqui um filme incrível. E esse filme apresentei-o no BES Photo. Essas opiniões vindas de outros artistas fazem com que olhes para as coisas de outra forma. E se alguém me diz o contrário fico uns dias desmoralizado.

É muito importante esse contacto e o reconhecimento das pessoas.

FCL: Achas que esse reconhecimento devia, de alguma forma, passar mais cá para fora, ou seja, achas que um dos papéis do artista pode passar por esse papel legitimador do trabalho dos seus colegas? Hoje em dia...

AC: Mas depois isso vai entrar em conflito com o curador e com os críticos...

FCL: Não penses neles para já. Vamos pensar neles mais à frente. Não colocando o lugar e o papel do comissário, curador ou crítico de arte em causa, até porque, evidentemente, eles têm um espaço na esfera artística.

AC: Um artista comissário é uma coisa muito complicada!

FCL: A opinião que os artistas têm sobre outros artistas é muito pouco veiculada, portanto é muito pouco ouvida e, principalmente, ainda que ouvida, é muito pouco tida em conta...

AC: Acho que se ela for colocada em forma de texto, por exemplo, um artista que escreve sobre outro artista, parece-me fantástico.

Há pouco tempo, julgo que foi o Nuno Ramalho que escreveu um texto (muito bonito) sobre um trabalho da Carla Filipe. Isso tem um peso enorme.

Não sei como é que isso pode ser posto prática. De que forma é que a opinião do artista relativamente a um seu colega se pode materializar... Como é que tu vês isso?

FCL: Estás a perguntar-me?... Foi também isso que me fez avançar para este doutoramento.

Eu acredito que, de facto, há qualquer coisa que o artista tem para dizer. E parece-me que existe o desejo de uns artistas ouvirem a opinião dos seus pares, assim como de outros artistas referirem-se aos seus colegas. Contudo parece-me que não existe essa prática. Quando esse desejo for uma necessidade forte, os artistas podem utilizar espaços que existem (fora da obra de arte) para se expressarem. E podem criar outros. Diferente é a questão da recepção...

AC: Eu vejo isso de uma forma construtiva. Outros artistas podem ver ao contrário, de uma forma muito destrutiva.

Eu acho que sim, que temos muito mais a dizer do que aquilo que dizemos. Mas também não temos muito espaço para o dizer, para publicar, para tornar público, a não ser através dos nossos trabalhos ou através de textos escritos.

Mas eu acho que sim, acho que o artista devia falar mais.

FCL: O texto como um outro meio para veicular o discurso do artista, (como no exemplo que deste do Nuno Ramalho que escreveu um texto sobre a Carla Filipe). Parece-te que o artista quando escreve fá-lo de forma diferente, diferente principalmente dos historiadores, comissários, críticos de arte, etc...

AC: O texto do Nuno Ramalho é muito diferente.

FCL: Identificas qualquer coisa específica num texto escrito por um artista ou achas que o artista escreve da mesma forma que...

AC: Não, não, não...

FCL: Há qualquer coisa que caracteriza o texto de um artista?

AC: Sim, porque entende a linguagem, porque está dentro das questões. Um comissário não é artista, não está dentro do processo criativo. Há muitos comissários de fotografia que não percebem nada de fotografia, não sabem qual é o processo, não sabem qual é a forma como eu colo as minhas fotografias, não sabem a forma como imprimo, que tintas é que eu uso ou qual a sua durabilidade ou qual é o filme que uso na máquina... Tudo isso é muito importante e eles não percebem nada. O filme que uso na máquina, a hora do dia a que eu fotografo, até a forma como imprimo e vejo e colo... ou mesmo a moldura que uso... tudo isso é muito importante para um trabalho. Até agora, só encontrei um comissário com um texto que achei fabuloso porque relacionava todas essas questões e especificações técnicas, não de uma forma aborrecida, mas falando sobre o próprio trabalho. Foi director do PHotoEspanña e percebe-se que quem escreve o texto está dentro do processo, respeita e consegue entender.

Por vezes há textos que não te dizem nada. São zero. São vazios, não te identificas.

FCL: Achas que os artista tendem a compreender melhor as necessidades dos seus pares e assim conseguem relacionar de forma distinta o processo de criação e objectos criados?

AC: Pode até ser uma questão de geração. A minha geração é diferente da tua geração e as minha interrogações são diferentes das tuas. Tudo isso são pequenas questões importantes para a compreensão dum trabalho e de um artista. E muitas vezes acabas por te relacionar com pessoas que não sabem quem tu és e não se esforçam para saber. E esses textos acabam por não dizer nada aos próprios artistas. Pode ser o Delfim Sardo, mas se ele não me conhece, se não sabe quem eu sou... Ele tem um texto sobre mim. É um bom texto, mas não passa daí.

Quando me enviaste o convite para esta conversa, interessou-me o discurso do artista. É que de facto eu valorizo-o imenso. Leio e tento ler vários textos escritos por artistas, que muitas vezes me dizem mais do que textos escritos por outros agentes...

FCL: Vou enunciar a pergunta que tens vindo a responder: Existe um discurso particular ao artista, diferente do discurso do historiador, do crítico de arte? E o que é particular nesse texto? Ou o que é que um texto escrito por um artista te dá que um texto escrito por outros agentes da esfera artística não te dá?

AC: Se calhar tem a ver mesmo com essa questão de linguagem, de frontalidade. Se calhar esse agente está a escrever para um outro colega seu. E um artista está a escrever para um artista.

FCL: Ah! Nuca me tinham dito isto assim, mas é uma óptima abordagem... Achas que os críticos de arte podem estar a escrever para os outros críticos de arte?

AC: Pode ser verdade. Eu penso nisso.

FCL: O discurso dos críticos de arte escapa-te?

AC: Escapa, então não escapa! Aquilo escapa-me em todos os sentidos, de todas as maneiras. Para além de não o perceber, não o sinto. E se eu não o sinto...

FCL: Parece-te que o discurso que o artista tem sobre outros artistas, em textos, nas conversas, etc... é um discurso pouco operativo, pouco prático? É incoerente, inconsequente, atrapalhado?

AC: Depende das pessoas...

FCL: Não encontras um fio condutor?

AC: Não.

--- --- ---

FCL: Percebi que trabalhas à volta de questões que consideras básicas e essenciais.

AC: É verdade. Tento sintetizar as coisas. Tento resumir ao que é essencial e tento não dispersar muito. O que é que é essencial? O que é que eu sinto?

Uma imagem, um conjunto de imagens ou uma série de imagens representa muita coisa. E a fotografia tem que funcionar como síntese. Tem até a ver com o cinema, por exemplo, do Aurélio da Paz dos Reis. Como na “Saída do Pessoal Operário da Fábrica Confiança” (1896): num plano está sintetizada toda a história.

FCL: E a que se deve essa tua procura pela síntese?

AC: Tem muito a ver com o desperdício que existe. Vivemos num mundo muito confuso e cheio de informação. O mundo está cheio de coisas e eu não consigo viver com tanto. Por isso procuro sintetizar as coisas ao máximo.

O que é de facto importante para ti? O que é que te faz acordar todos os dias? Que 10 coisas levavas para uma ilha? Tudo isto são coisa em que eu penso. Como me expressar através de 3 imagens? Como colocar tudo o que se sente em 7 fotografias para uma exposição.

O meu trabalho não se centra na representação do mundo. Não tenho necessidade de ir para Paris ver as manifestações para as representar. Basta-me colocar a força disso tudo numa fotografia, que até pode ser abstracta...

FCL: E deixas entrar alguma irracionalidade, algum erro, alguma contradição, algo que não está nos grandes consensos, que não está nas imagens gastas de tão vistas? Tens necessidade de te destacar de um discurso consensual?

AC: Não, não penso nisso.

FCL: Não é sequer uma questão para ti?

AC: Não porque tento ser o mais verdadeiro comigo mesmo. Não penso em destacar-me ou ser diferente. Eu sou como sou. Eu tento de facto é ser o mais verdadeiro e mais claro.

Porque gosto muito das imagens do Walker Evans não vou fazer fotografias iguais às dele, embora as questões relacionadas com a originalidade não me preocupam.

FCL: Há um trabalho de fundo no teu percurso artístico. Entendes que o teu percurso anda à volta dum “grande quadro” e que tudo o que tu fazes concorre, consciente ou inconscientemente, para uma coisa só, para essa “grande obra” que se vai materializando nas tuas séries (no “River” (2009), no “Ontem” (2010), etc...). Tens consciência que todos estes teus trabalhos concorrem para uma só coisa? E isso influencia o teu processo de criação? Ou não, não te interessa pensar num “grande quadro”?

AC: Não, eu não penso muito nisso. O que sinto é uma insatisfação. Ainda não consigo estar contente com aquilo que eu faço. Sinto que ainda tenho muito, muito para andar. Talvez seja isso que depois acaba nesse grande quadro, nesse todo, que sou eu, que é o meu trabalho.

Talvez aí as pessoas consigam entender quem eu sou e o que é que eu faço através do meu trabalho.

O que de facto gostava era que as pessoas se ligassem às minhas obras. Que o meu trabalho fosse importante não só para mim mas também para os outros.



FCL: Quando olhas para trás, para o que já fizeste, consegues encontrar um esboço daquilo que pode vir a seguir?

AC: Daquilo que vem a seguir não, mas consigo perceber que o que me liga às coisas é sempre o mesmo... Isso consigo perceber.

FCL: Esse é o “grande quadro”?

AC: É. Acho que nós temos a tendência para tentar criar muito e tentar criar mais. O próximo é que vai ser bom... mas se calhar esse “grande quadro” que referes, essas coisas que se ligam, é que são importantes. Devia-se pensar mais nisso e simplificar ainda mais.

Eu gosto muito do Robert Frank. Para além de ser um artista incrível, no cinema, na fotografia, no que escreve (no pouco que escreve, e no pouco diz), quando acabou o seu grande trabalho “The Americans” (1958) sentiu que tinha feito tudo na fotografia e parou. Isso é um acto de coragem incrível. Conseguires sentir isso, deve ser uma força brutal. Eu não sinto e continuo. Pode ser que os trabalhos sejam todos uma porcaria. A produção artística não consegue ser nem eterna nem sempre genial...

FCL: Estes chavões: a deriva, o equívoco, o fracasso, a ruptura, a fronteira, o risco... entram no teu processo de criação?

AC: Sim, sim...

FCL: E achas que o quotidiano, o dia-a-dia, a experiência de vida, a reflexão sobre o próprio, a consciência de ti mesmo... A prática artística sobre o próprio é importante para ti? Passa directamente para o teu trabalho? Ou há um compartimento estanque e quando trabalhas, trabalhas mais no domínio da razão e consegues, ou tentas, que esta questão mais espiritual não te contamine ou não contamine o teu trabalho?

Como te posicionas em relação a esta questão?

AC: Pois... Essa é uma boa questão. Não sei explicar muito bem. Há uma questão que para mim é importante: é o meu trabalho que me marca e me influencia.

No “River” (2009) é importante a experiência da viagem e do lugar. Eu confronto-me com as coisas numa forma em que é importante que os lugares me marquem. É importante que o meu trabalho me marque e me faça mudar pessoalmente.

O “Ontem” (2010) é um trabalho duro que me marcou muito. E é só por causa disso que ele vale o que vale. É importante que as coisas façam sentido e eu forço... eu vou para lá...

FCL: Há uma procura de ti próprio...

AC: Sim e não é só a questão do eu. Não trabalho só sobre mim. Os trabalhos mudam-me...

FCL: Há um crescimento, não no sentido positivo ou negativo, mas como modificação ou alteração pessoal pela relação que estabelece com o teu trabalho.

AC: Sim, sim.

--- ---

FCL: O meu mestrado acabou por se centrar muito sobre o atelier. E acabei por desenvolver uma ideia, ainda que vulgar, muito importante ou muito significativa daquilo que para mim é o atelier e a sua importância no processo de criação. Resumindo, encaro o atelier como metáfora dum espaço metafísico, completamente amoral e por isso totalmente livre. O atelier (seja ele o que for) como um espaço amoral e porque amoral, livre.

A moral que venha a existir dentro do espaço do atelier existe na justa medida em que tu a transportas para lá. Tu prezas essa amoralidade ou trabalhas as relações morais, sociais e reactivas perante aquilo que está à tua volta?

AC: Isso tem a ver muito com a pessoa, com a sua personalidade e com os seus valores...

Para mim é muito importante. Eu tento não misturar, tento que as questões morais não estejam muito presentes no meu trabalho para que ele seja mais livre. Tento que não seja marcado por esse lado moral ou ético. Até porque são fronteiras muito ténues e às vezes difíceis de distinguir.

FCL: Não pretendes que o teu trabalho se relacione com questões sociais, com questões políticas, questões de valores ou...

AC: Todas essas questões podem estar presentes mas não quero com elas fazer juízos de valores nem quero dizer que o mundo é feio ou o mundo é bonito ou que isto é bom ou que aquilo é mau. Eu não quero mudar o mundo. Não é assim que eu funciono. Cada um é livre de pensar e sentir o que quiser.

O meu trabalho, aquilo que eu mostro, tem que estar acima dessas questões, dessa fronteira.

FCL: É precisamente nesse sentido que eu considero o atelier como um lugar sem juízo de valores...

AC: Exacto, exactamente.

--- --- ---

FCL: Parece evidente que os artistas estão colocados numa grande e complexa esfera com diversos outros 'players'. Todos eles têm o seu espaço e o seu lugar. Achas que o artista está confortável no lugar que ocupa nessa esfera artística? Ou que lugar é esse que o artista ocupa na esfera artística? Ou achas que há necessidade de repensar o lugar que o artista ocupa na esfera artística?

AC: Muitos artistas não se sentem confortáveis. Eu sinto-me confortável, talvez por ter uma postura mais relaxada, ou então as coisas vão correndo bem.

O mercado da arte é como um jogo muito simples e por isso percebe-se bem como é que funciona. Ou se quer jogar ou não se quer jogar. Ou se está no mercado ou não se está no mercado.

Quem não quer estar no mercado também não se pode queixar. Quem quer estar no mercado, tem que jogar o jogo com as suas regras.

FCL: E parece-te que deveriam ser feitas outras regras?

AC: Há no mercado um factor dominador: a questão económica. E a questão económica é determinante na criação das regras, que por vezes não são muito correctas para todos nós. Por vezes essas regras criam erros no sistema.

Se alguém apostar economicamente num artista e o colocar 'lá em cima', a partir desse momento os trabalhos desse artista começam a vender. O artista é um sucesso embora possa vir de lugar nenhum. O mercado e as próprias pessoas precisam desses ídolos, estrelas, famosos. Isso é o lado económico e é isso que me parece estar mal. Os comissários vivem disso, as galerias vivem disso, os museus vivem disso.

Eu não ligo nada a isso. Pessoalmente, tento criar uma carreira com o meu trabalho. Nunca quis começar 'lá em cima'. Estou lentamente a criar o meu trabalho e esse trabalho está a começar a ser visto. Está a crescer. E cada vez acredito mais no meu trabalho. Vejo a minha carreira artística como um percurso que se faz lentamente e alicerçado no meu trabalho.

FCL: Achas que o artista poderia reivindicar diferentes posturas por parte dos operadores ou achas que o próprio artista se deixa...

AC: Se o artista fosse honesto, se calhar podia, mas...

FCL. Parece-te que, de uma forma geral, há alguma falta de honestidade por parte dos artistas?

AC: Há muita, então não há, muita.

FCL: Há cumplicidades entre os artistas e os operadores...

AC: Acredito que existam alguns artistas que não queiram isso, e ainda bem. Mas... se és novo, se te acham o maior e tu também te achas o maior, tu queres é... isto é muito feio!

FCL: Julgo que a história da arte tem muito casos semelhantes. Ainda assim, acreditas que existem momentos em que essas cumplicidades são alteradas?

AC: Pode ter sido sempre. E acho que não temos que nos preocupar muito. Eu não me preocupo com isso.

FCL: Eu dividi os 'players' em duas grandes categorias: os lugares (os museus, as feiras, bienais, galerias, fundações, escolas, etc...) e as pessoas (os historiadores, os críticos, os jornalistas, comissários, galeristas, marchants, professores, etc...). Na tua opinião existem tensões entre o artista e os outros operadores (quer com os lugares, quer com as pessoas), ou como tu disses-te, achas que o artista não deve preocupar-se com o lugar que ocupa na esfera artística?

AC: Acho que o artista não se deve preocupar muito com o seu lugar. E acho também que os 'players' deveriam ser um pouco mais acessíveis. Contudo também não são inacessíveis. De alguma forma mitificou-se essa inacessibilidade que não é totalmente verdadeira.

A partir do momento em que um artista entra no mercado sabe que...são todos amigos, vão todos jantar, vão todos para os copos e conheces toda a gente. Estiveste tantos anos a pensar como é que havias de falar com este e com aquele e, no fundo, é tão fácil. Acho que o artista deve-se preocupar com o seu trabalho.

Agora, é muito difícil, hoje em dia, um artista ser artista e também ser produtor e secretário, etc... ao mesmo tempo. Porque é isso que nós somos: empresários. Eu tenho uma postura de empresário relativamente a isso.

FCL: Mais do que o lugar do artista, questionas o papel do artista? Ou melhor, os diversos papéis que o artista tem que cumprir?

AC: O artista tem mesmo que cumprir esses papéis. Não pode estar no seu atelier à espera que lhe venham bater à porta. Isso é impossível. O artista no seu atelier já acabou. O artista, hoje em dia, tem vários papéis. Tem que ir às inaugurações, tem que ir falar com este e com aquele, tem que apresentar o seu trabalho, tem que...

FCL: Parece-me interessante fazer-te esta pergunta: Qual é a relação ideal entre o artista e os lugares e as pessoas do mundo da arte.

AC: Ideal? Ideal não sei? O que eu sei é que os artistas, ou a sua maioria, não têm esta postura que eu tenho. Eu cresci com esta postura. Percebo o mundo da arte e percebo esse lado social. Falar, estar com as pessoas. Outros não querem ou não gostam de inaugurações com mil pessoas e não gostam de ter que ir falar com este e com aquele. Mas hoje em dia tem que ser assim. São as regras.

O artista no seu atelier visitado pelos operadores artísticos era o ideal, mas não é possível.

FCL: Achas que era o ideal?

AC: Era o ideal nós não termos que nos ocupar com todo esse trabalho que devia ser feito pelos comissários, pelos galeristas, pelos jornalistas, pelas instituições. Deveriam fazer o “tour” pelos ateliers dos artistas. Nós não nos devíamos preocupar minimamente com essa tarefa. Eles é que nos deviam procurar e não nós a eles. A dinâmica está invertida. Eles pensam que nós precisamos deles, mas eles sem nós não são nada.

FCL: Percebo.

AC: Muitas vezes dá-se demasiada importância ao comissário e ao galerista. O galerista ganha 50% com o trabalho do artista. Sem o trabalho do artista ganha zero. Dependem do trabalho do artista e deviam, também por isso, tratar melhor o artista.

FCL: Última pergunta: Com certeza já foste entrevistado mais do que uma vez. Parece-te que esta entrevista/conversa que tivemos foi de alguma forma diferente de outras, ou seja, este registo, de artista para artista, estas preocupações, estes assuntos, o próprio decorrer da conversa, foi de alguma forma diferente comparando-a com as conversas que tens com outros ‘players’ que não os artistas?

AC: Sim, acho que sim. Não é muito diferente de conversas que tenho com outros artistas. Agora é diferente das conversas que tenho com os outros ‘players’. Acho que isto são mesmo preocupações de artista. Eles não percebem e não se preocupam muito com isto...